

26/13/60

A CRÔNICA de Rubem Braga

CÉU ESTRANGEIRO

QUANDO os americanos fizeram explodir aquela bomba no Hemisfério Sul houve quem dissesse que isso poderia causar alterações no clima desta parte do mundo. E' que os Pólos são as duas grandes "fábricas de tempo", e a corrente de forças magnéticas levou as partículas radioativas para o Pólo Sul, onde provocou fenômenos especiais. Enfim, eu não vou botar banca de meteorologista, muito menos de meteorologista atômico, mas os próprios americanos, em seu relatório de que o "New York Times" deu um resumo na ocasião, admitiram a possibilidade de alterações do clima na América do Sul. Logo depois houve as grandes inundações do Uruguai e do Rio Grande do Sul, tão grandes como nunca tinha havido antes. Agora tivemos um verão quase sem calor, com chuvas e trombas d'água em quase todo o território nacional. Em meu Estado, por exemplo, todos são acordes em dizer que não há memória de inundações tão grandes e tão gerais. E agora estamos vendo inundações no Ceará!

Seria o caso de, pelo menos, provocar um estudo do assunto, começando por estabelecer, com os dados históricos disponíveis, o que houve e está havendo de realmente inédito nessas estranhas perturbações do tempo. Não sugiro que se mande a conta de cada boi morto na enchente para o americano pagar. Mas seria o caso de convidar os cientistas americanos a estudar o assunto com seus colegas brasileiros — e principalmente de atentar para se não repitam por estes lados essas brincadeiras de aprendiz de feiticeiro.

O Deputado Renato Archer, que é um estudioso de assuntos de energia atômica, e tem acompanhado esse assunto com interesse desde o começo, me confessou que esses dilúvios de março o têm deixado com uma pulga atrás da orelha.

Lembrei-me da opinião daquele velho sertanejo cearense que tinha fama de conhecer estrêlas, e foi indagado sobre um cometa que aparecera: "Esse negócio não é do céu aqui do Estado, não; deve ser estrangeiro..."

Assim pode ser com as chuvas.